

A LITERATURA INSERIDA NO MODELO NATURAL DE ENSINO

THE LITERATURE INSERTED IN NATURAL TEACHING MODEL

Daniel Matos Alvarenga¹

RESUMO: Este trabalho pretende expor, sucintamente, algumas observações do que vem a ser o modelo natural de ensino. Assim, o modelo natural é entendido como a promoção natural de transformações que acontecem num indivíduo quando este constrói seu sistema de leitura – aprende a ler. Assim, é sugerido implantar a literatura, em suas formas diversas, nesse ambiente natural, como potencializadora dessa aprendizagem, abandonando formas mecânicas e tradicionais de leitura e sem estar dissociada da compreensão, desfazendo o abismo entre ensino e a realidade do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Modelo natural. Leitura. Aprendizagem. Compreensão.

ABSTRACT: *This work is to present, briefly, some of the observations that will be the natural model of education. The model is naturally understood as the promotion of natural transformations that occur in an individual when he builds his system of reading - learn to read. Thus, it is suggested to deploy to literature in its various forms, in that natural environment, such as potentiating of learning, abandoning traditional and mechanical forms of reading without being dissociated from understanding, undoing the gap between education and the reality of the subject.*

KEYWORDS: *Natural method. Reading. Learning. Understanding.*

¹ Aluno da Pós-graduação da UFG – Universidade Federal de Goiás – dmattosfil@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe apresentar sucintamente e de forma documental, o modelo de alfabetização natural, intercalando a literatura como uma das ferramentas à aprendizagem da leitura e da escrita. Pode-se entender o modelo natural como aquele que promove a sequência natural de transformações que ocorrem num indivíduo quando este constrói um sistema de leitura – aprende a ler. Ao inserir a literatura neste ambiente natural como facilitadora e aliada da alfabetização, outras habilidades seriam trabalhadas na criança e transportadas até a idade adulta.

Além de facilitar a aprendizagem da escrita e da leitura, a literatura inserida num contexto natural, facilitada pela convivência em sala de aula, dos estímulos ambientais, sendo bem organizadas pelo educador, proporcionará ao desenvolvimento da criança e, mais tarde, a intimidade do adulto com a leitura.

O MODELO DE ALFABETIZAÇÃO NATURAL

Pode-se entender o modelo de alfabetização natural como um processo de estimulação da construção da leitura que se dá a partir da linguagem, do potencial e das motivações naturais do aluno. Tem a função de promover a sequência natural de transformações que ocorrem num indivíduo quando este constrói um sistema de leitura, adquirindo a capacidade de ler. A origem do que hoje é chamado de método natural, foi criado a partir dos resultados de uma pesquisa sobre linguagem e vocabulário da criança brasileira feita sob a coordenação da professora Heloísa Marinho, do Instituto de Educação do Rio de Janeiro; Lourenço Filho, diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep é o responsável pela pesquisa. Mesmo baseado nos moldes construtivistas, pode-se dizer que a metodologia criada é genuinamente brasileira.

Para a implantação desse método, além de mudança física do ambiente escolar, é necessária a transformação sobretudo nas relações sociais as quais acontecem na sala de aula. Diferente do modelo tradicional de aprendizagem, no modelo natural é essencial à participação e iniciativa do aluno no ato de aprender. O conhecimento centralizado no professor é rejeitado e substituído por uma ação democrática do educador. O conhecimento é construído pelo aluno, é enriquecido e partilhado pelo grupo, e o professor seria um facilitador, encaminhador deste processo, facilitando a aprendizagem. Freinet (1976, p. 30) faz uma crítica à postura tradicional do professor quando diz que o inimigo nº 1 da regeneração da nossa escola é a explicação exaustiva, a lição permanente na qual a vez do professor é o instrumento mais importante da vida docente.

A proposta é que o professor construa a “escola natural”, com salas que propiciem um ambiente democrático, onde os alunos possam participar desde a escolha do vocabulário à organização da sala. Ao invés de trabalhar textos sem contextos e significados, sílabas isoladas, trabalham-se contos, histórias, pequenos textos ricos em significados e que estimulem o aluno. Desta forma:

Estes processos analíticos tiveram a grande vantagem de desenvolver hábitos inteligentes de leitura com compreensão, sendo a sentença mais que a palavra, e o método de contos mais que ambas. Os processos analíticos ou globais (...) atendem também às características da percepção e da aprendizagem que são processos eminentemente analíticos e por isso são mais fáceis e adequados, especialmente às crianças, que têm pouco poder de síntese. (RIZZO, 1999, p. 24)

Passa-se a inserir uma leitura global, de três a

quatro sentenças, formando uma pequena história, internalizando naturalmente pelos alunos em virtude da compreensão que carregam da história.

A LEITURA NO AMBIENTE NATURAL

Um dos maiores desafios para o educador é criar mecanismos que venham a estimular o hábito da leitura. A ênfase nas séries iniciais gira em torno de aptidões voltadas à coordenação motora e à linguagem oral; não há nenhum empecilho em trabalhar recortes de papéis, modelagem de massas, trabalhos com figuras, dentre outras. Todas carregam suas peculiaridades e contribuem para o desenvolvimento da criança. Contudo, o ganho seria maior se fossem trabalhadas junto com a literatura. Ferreiro (1999, p.15) coloca que a leitura deve ser um momento mágico, pois o interpretante informa à criança, ao efetuar essa aparentemente banal, que chamamos de um ato de leitura, que essas marcas têm poderes especiais; e basta olhá-las para produzir linguagem.

Cagnet (1996, p. 7) ensina que a literatura se confunde com a própria arte, pois o contato com as palavras não só ultrapassa a leitura, bem como se comunica com um conjunto de experiências vividas pelo homem; proporciona compreender sobre si mesmo e a entender o comportamento humano. E quando compartilhada, faz do aluno alguém inserido na história, além de se tornar compreensivo, humano, crítico e modificador do seu mundo imaginativo e o mundo real. Madalena Freire (2008, p. 41) ratifica esse pensamento quando coloca que “não formaremos nem bons leitores, nem bons escritores, alienados de seus significados”.

O ambiente escolar deve ser propício para a estimulação da leitura e promoção da alfabetização natural, cuja descoberta da leitura é consequência das vivências de classe, de estímulos do ambiente, ofere-

cendo ao aluno experiências de pré-leitura, essenciais para o alcance da alfabetização.

No entanto, a estimulação da leitura num contexto natural é antes de tudo apropriar-se da compreensão, habilidade esta nem sempre perseguida pelo método tradicional de aprendizagem. Soares (2010, p.38-39) aborda com bastante propriedade o tema, pois apropriar-se da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua propriedade. Nesse sentido, quando se trabalha a leitura em sala de aula inserida num ambiente natural, a grande vantagem é que a leitura não é dissociada da compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, este trabalho se propôs apresentar de forma sucinta o modelo de alfabetização natural, desenvolvido por Gilda Rizzo a partir de pesquisas sobre linguagem e vocabulário da criança brasileira, realizadas pela professora Heloísa Marinho, do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Para tanto, sob a base do modelo natural de aprendizagem, foi proposto inserir o trabalho por meio de textos, como contos, literatura infantil, grupos de rodas, de forma a promover à leitura sem está dissociada da compreensão. Nesse sentido, é importante que a literatura seja usada de forma a manter o que a criança carrega naturalmente: sua imaginação, sua criatividade, seu raciocínio lógico, suas fantasias.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1999, p.19) ratificam que “um dos objetivos sintomaticamente ausentes dos programas de alfabetização de crianças é o de compreender as funções da língua escrita na sociedade. Tendo em vista que o modelo tradicional de aprendizagem intensifica a forma mecanizada de ler e escrever e após as leituras realizadas, percebeu-



-se justamente o contrário, ou seja, por meio de um ambiente bem organizado pelo educador, a leitura é indissociável da compreensão.”

De tal modo houve entendimento de que usar o ambiente nos moldes naturais e sua estreita relação com a leitura, são extremamente profícuo para o desenvolvimento da criança, além de atuar contra o “didatismo” enraizado no sistema tradicional de ensino. Logo, fazer esse cruzamento entre método natural e leitura, distancia o hiato entre a escola e a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

FERREIRO Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e terra, 2008.

FREINET, Celestín. **As Técnicas Freinet da escola moderna**. Lisboa: Estampa, 1976.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

RIZZO, Gilda. **Alfabetização Natural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.